

Título	Viena e “a crise dos refugiados na Europa”: um mosaico etnográfico
Autor/es	Anne Unterwurzacher; Ethel V. Kosminsky; Katharina Auer-Voigtländer
Resumo	Neste artigo, as autoras querem ilustrar como a Áustria respondeu e ainda está respondendo à “crise dos refugiados” em 2015. O artigo está elaborado como um tipo de mosaico contendo diferentes pontos de vista, que destacam os interesses pessoais, compromissos e abordagens teóricas das autoras. A primeira seção apresenta uma breve visão geral sobre o histórico de migração na Áustria, desde 1900 até hoje, com foco especial em Viena. Na seção seguinte, Anne Unterwurzacher reflete sobre sua atuação como voluntária durante o tempo do movimento de refugiados. Ela descreve algumas de suas experiências com a intenção de ilustrar desenvolvimentos e desafios em curso na Europa. Na seção „Esta espera torna minha loucura”, Ethel Kosminsky descreve uma visita em um abrigo provisório de refugiados. Ela lança luz sobre alguns aspectos do cotidiano dos refugiados que vivem nesse lugar. Na última seção, o tópico “Inclusão de refugiados na Áustria – entre a hostilidade e o comprometimento” será abordado de um ângulo diferente: com base em um projeto de pesquisa real, Katharina Auer-Voigtlaender destaca o processo de inclusão de refugiados em comunidades menores.
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

RELIGIÃO

Título	A emergência do sagrado
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano IV, nº 10 maio-ago/1991

Título	Práticas mágico-religiosas na cidade de São Paulo
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Com certeza, todas aquelas coisas foram colocadas ali na esquina na noite anterior, uma sexta feira: as velas estão caídas e apagadas, menos uma que queimou até o fim; o alguidar contém ainda restos de uma farofa amarela; a garrafa está quebrada. Dá para perceber também, o charuto, as fitas,

Ano/Edição	<p>e as flores, agora murchas. Quem já não presenciou, nas ruas da cidade de São Paulo, uma cena semelhante? Para muitos, a inesperada descoberta obriga a um longo e prudente desvio; alguns não darão a mínima importância - “isso é coisa de gente ignorante” enquanto outros pronunciarão, com respeito, uma saudação ritual: ‘Larô-iê!’. Feitiçaria, macumba, “coisa feita”, “trabalho”, despacho? Obra do demônio, sem dúvida, esbravejaria aquele senhor de terno escuro com a bíblia na mão anunciando, na praça, a chegada do Reino do Senhor, o castigo dos pecadores e a salvação dos justos. Não deixa de chamar a atenção a presença de duas manifestações religiosas tão diferentes, a poucos metros uma da outra. Mais surpreendente seria, ainda, se se tentasse explicar a presença dessas e muitas outras manifestações semelhantes à luz dos cânones do evolucionismo cultural: afinal de contas, não estava prevista a contínua evolução da humanidade desde os estágios mais atrasados da “selvageria”- passando pela “barbárie”- até a etapa última da civilização?</p> <p>Ano IV, nº 10 maio-ago/1991</p>
------------	--

<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Pentecostalismo - religião de migrantes</p> <hr/> <p>Martin N. Dreher</p> <p>Não são necessárias muitas observações para se verificar que religião e migração estão profundamente ligadas. A Bíblia dos hebreus nos dá conta de que a história do povo hebreu começa com uma migração, a migração do patriarca Abrão e da matriarca Sarai. É a partir de revelação religiosa que migram de Ur, na Caldéia, em direção à Palestina. A religião hebraica também mostra todo o seu vigor, quando da migração de grupos de nômades hebreus para o Egito e, décadas mais tarde, do Egito, com longa peregrinação pela Península do Sinai, em direção à • Palestina. Poderíamos continuar a detectar espaços, nos quais religião e nomadismo, religião e migração se fazem presentes na história do povo hebreu. Em sua obra monumental a respeito da Missão e da Expansão do Cristianismo nos três primeiros séculos, Adolf von Harnack evidenciou que grande parte da expansão do cristianismo se deveu ao acompanhamento de populações migrantes. Qualquer estudo a respeito das grandes migrações dos povos germânicos e eslavos no asiático e europeu vai mostrar como o cristianismo foi sendo importante para os migrantes, bem como também foi se amoldando às condições dos migrantes.</p> <p>Ano IV, nº 10 maio-ago/1991</p>
--	---

Título	Cultos afro-brasileiros e fluxos migratórios
Autor/es	Lísias Nogueira Negrão
Resumo	Ao longo das décadas do Brasil colonial e imperial, a única religião oficialmente aceita era o catolicismo. Mais do que permitido, o culto católico era obrigatório, devendo batizar-se ou fazer profissão de fé católica quem tencionasse aqui viver. Tanto aqueles que chegavam voluntariamente, imigrantes esperançosos de reconstruir suas vidas, quanto aqueles que para cá foram trazidos escravizados, foram oficialmente considerados católicos. Os negros africanos eram batizados no porto de embarque ou de desembarque e aqui ingressavam enquanto cristãos e católicos. É evidente que o batismo católico era apenas a dimensão simbólica da violência que reduzia homens livres à condição de escravos, compulsoriamente trasladados da África ao Brasil e aqui condenados à mais degradante das condições sociais. Assim como o negro “aceitou” a condição de escravo, “aceitou” também a religião de seus senhores. Não havia alternativa contra o cativo senão a fuga individual ou coletiva, da de alto risco e de resultados freqüentemente desastrosos. Mas havia alternativa contra a imposição do catolicismo, CULTOS que era aceito de maneira apenas formal e superficial, mantendo os negros suas crenças originais. A manutenção de sua memória mítica foi fundamental para que o negro conseguisse manter sua dignidade de ser humano na desumana condição a que fora relegado.
Ano/Edição	Ano IV, nº 10 maio-ago/1991
Título	Migração e universo religioso
Autor/es	Luiz Roberto Benedetti
Resumo	São três irmãos. Residem em Sumaré, cidade-dormitório da região de Campinas. Cidade que a migração fez explodir; em menos de dez anos viu sua população quadruplicar. Os habitantes, pacatos, ao redor das figuras dominantes locais - pequenos produtores e pequenos comerciantes - cederam lugar a uma avalanche de rostos diferentes. Li, há alguns anos, um trabalho da professora Ecléa Bosi falando sobre a cultura do povo. Dessa cultura que não conseguimos entender porque não a entendemos nos seus gestos e no seu silêncio. Não é a cultura do discurso, da fala expressiva, mas do gesto significativo. Deste gesto e deste silêncio que se precisa saber ler e interpretar. Citava exemplo ‘O gesto cansado, expressivo

Ano/Edição	<p>por si mesmo de uma forma de se ver e de encarar o mundo. Ao mesmo tempo, eu pensava nos rostos expressivos dos migrantes que cruzam conosco dia a dia nas ruas. Nos rostos dos três irmãos a que me referia há marcas de alívio e deslumbramento. Alívio: “A gente tinha um pequeno sítio. Nele trabalhava a família inteira, o dia inteiro, o ano inteiro. Quando vinha a colheita, a gente ficava cinco, seis meses sem conseguir vender e quando conseguia tinha que aceitar o preço que o comprador queria pagar. Era muito duro porque a gente não tinha certeza de nada. Aqui é diferente”. Deslumbramento: trabalham os três juntos, o serviço não é pesado; na cidade tudo é novo. Doze horas por dia “zelando” por serviços gerais num condomínio. “A gente nem sente”... Saem juntos de casa, trabalham juntos, voltam juntos para casa. Há uma espécie de continuidade com o ritmo familiar do mundo em que saíram. Mas sem as incertezas que a vida camponesa oferece. Com salário pequeno, mas garantido. A cidade fascina. Deslumbra.</p> <p>Ano IV, nº 10 maio-ago/1991</p>
Título Autor/es Resumo	<p>O migrante encortçado e sua consciência religiosa</p> <p>Maria Angela V. M. Furquim de Almeida</p> <p>Neste artigo sobre representações religiosas de migrantes encortçados procura, a partir das condições materiais e socioculturais de existência, compreender e demonstrar o processo de formação da consciência religiosa. O conjunto dessas representações não é entendido como isolado e autônomo em relação à totalidade das representações socialmente construídas e verificadas. Ou seja, guarda íntima e inseparável relação com as demais representações e práticas sociais, políticas e econômicas. Neste sentido, os conteúdos da consciência religiosa estão relacionados à maneira pela qual o migrante encortçado apreende, interpreta e representa as condições materiais de existência, a si próprio, a sua vida, a vida de outros migrantes encortçados, a vida dos demais grupos sociais e suas inter-relações tanto no local de origem como em São Paulo. O campo de nossas investigações e pesquisas se restringe ao bairro do Bexiga. Este bairro se localiza na zona central de São Paulo.</p> <p>Ano IV, nº 10 maio-ago/1991</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Religião e religiões – um enfoque em chave gramsciana</p> <p>José J. Queiroz</p> <p>Para não repetir conhecidas generalidades, preferi limitar o</p>

Ano/Edição	tema a uma abordagem dialética, alinhavando Antônio Gramsci (1), insuperável na análise dos elementos superestruturais que compõem a sociedade, dentre os quais se destaca o fator religioso. Face às limitações de tempo e de espaço, não nutro nenhuma pretensão de esgotar o assunto e darei ênfase sobretudo à dialética erudito-popular na religião. Ano IV, nº 10 maio-ago/1991
Título	Forasteiros da dispersão: experiência de migrante e memória bíblica
Autor/es	Milton Schwantes
Resumo	Como livro, a Bíblia está concluída. A palavra “Bíblia” tende a evocar em nós a imagem de um livro, com capa, pronto. Mas, possivelmente, a figura que nos ocorre não seja a de um livro fechado, a de uma obra de estante. Pelo contrário, havemos de estar pensando também naquele livro aberto, sobre um altar ou na mão de algum pregador. Ou vêmo-lo debaixo do braço de um “irmão” a caminho do culto. É O que, hoje, caracteriza a Bíblia . Ela não é muito típica para bibliotecas, se bem que aí também esteja, em meio a outros livros, à espera de usuários. Ela antes se situa em meio à reunião de pessoas, sendo lida em público, sendo carregada pra lá e pra cá. Este vai-e-vem lhe é característico. É um “livro” a caminho, um texto que a gente “transporta”.
Ano/Edição	Ano IV, nº 10 maio-ago/1991
Título	Festividade de Nossa Senhora de Copacabana: motivo de união dos migrantes bolivianos na argentina
Autor/es	Isabel Laumonier
Resumo	A Argentina - tenta realizar uma breve aproximação da dinâmica dessa comunidade e lançar um pouco de luz sobre as estratégias que permitiram a tal coletividade fazer frente a uma dura realidade econômica, a uma política migratória equívoca e a preconceitos mais ou menos encobertos. Buscamos assinalar de que forma o espírito do “ayllu” (vide glossário) atua para além dos limites bolivianos e de que forma as redes de parentesco (carnal ou ritual) se estendem superando fronteiras. Tomamos como parâmetro o processo de desenvolvimento de uma festa religiosa, colocando em cena a movimentação de uma coletividade em torno de um fim comum: neste caso, a celebração da festa de N. S. de Copacabana, tal como se desenvolve há muitos anos em vários pontos do país, especialmente no Bairro de Vila Soldati.

Ano/Edição	<p>Buscamos assinalar de que forma o espírito do “ayllu” (vide glossário) atua para além dos limites bolivianos e de que forma as redes de parentesco (carnal ou ritual) se estendem superando fronteiras. Tomamos como parâmetro o processo de desenvolvimento de uma festa religiosa, colocando em cena a movimentação de uma coletividade em torno de um fim comum: neste caso, a celebração da festa de N. S. de Copacabana, tal como se desenvolve há muitos anos em vários pontos do país, especialmente no Bairro de Vila Soldati. Para explicar mais claramente o desenvolvimento da festa, dedicamos maior ênfase, neste artigo, a um Glossário, no qual se consignam diferentes termos referentes a objetos, pessoas ou situações próprias do evento. Por se tratar de um fato cultural vigente, e portanto dinâmico, ano após ano se produzem transformações, Cada celebração é em si um fato singular que expressa e atualiza as vivências e o mundo do grupo.</p> <p>Ano IV, nº 11, set-dez/1991</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>O candomblé em São Paulo e a sacralização do espaço urbano</p> <p>Vagner Gonçalves da Silva</p> <p>Entre os fatores do crescimento do número de terreiros de candomblé, verificado a partir dos anos 60 em São Paulo, está a imigração de populações nordestinas que nesse período é intensa. Os adeptos vieram de regiões onde essa religião teve um desenvolvimento maior, como o Nordeste e posteriormente o Rio de Janeiro, em busca de melhores condições de vida. Chegando aqui principalmente para trabalhar, muitos deram continuidade à sua história de vida religiosa fazendo da reconstituição das “famílias-de-santo” e das “nações” religiosas uma importante estratégia de sobrevivência sob as novas condições de vida na metrópole.</p> <p>Ano VI, nº 15, jan-abril/1993</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Os imigrantes portugueses e a devoção de Fátima em Paris</p> <p>Sidnei Marco Dornelas</p> <p>A imigração portuguesa em território francês está para completar 30 anos. Esta população constitui hoje o segundo maior grupo de estrangeiros depois dos argelinos. com cerca de 800 mil pessoas. Eles se concentram sobretudo na Região Parisiense. c têm uma presença considerável nas indústrias de construção civil e nos trabalhos de limpeza nos escritórios dos grandes centros. Apesar do grande número, eles passam quase despercebidos na</p>

Ano/Edição	<p>sua rotina de trabalho infatigável. Ao contrário dos imigrantes muçulmanos do norte da África, cuja presença é motivo de um Inal estar crescente entre os franceses- o português é apontado como um exemplo de imigrante que conseguiu se integrar com sucesso na sociedade francesa, trabalhador, obediente, discreto, branco, europeu, religioso, católico.</p> <p>Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
Título	A romaria do Divino Pai Eterno
Autor/es	Silvana Nascimento
Resumo	<p>Os grandes santuários brasileiros recebem romeiros em diversas épocas do ano, porém, em momentos especiais como o dia do santo padroeiro, Natal, Páscoa, o número de devotos aumenta consideravelmente. Nestes períodos, os centros de devoção ganham outro caráter. o de uma grande festa. Preenchendo de significados a trajetória que conduz ao santuário, a festa de romaria implica uma transformação de uma situação cotidiana para outra, temporária, deslocada do tempo e do espaço da rotina. Ela permite uma viagem — real e simbólica — que modifica, suspende a vida cotidiana para a criação momentânea de um outro mundo, especial, mágico, divino (Da Matta; 1985). Nesse sentido, a romaria está relacionada a uma certa itinerância característica que não se refere propriamente a uma migração porque os romeiros sempre retornam para a sua terra natal depois de visitar o santuário, com a certeza, ou o desejo, de voltar no ano seguinte. Além disso, as viagens geralmente acontecem num período determinado e, assim como nas festas, são cíclicas e repetem-se a cada ano. A pesquisa que venho desenvolvendo desde 1997 está justamente voltada para uma romaria que, todos os anos, dirige-se para o santuário de Trindade, no Estado de Goiás, durante a Festa do Divino Pai Eterno, na primeira semana de julho, uma das maiores e mais importantes da região, A romaria tem início na pequena cidade de Mossâmedes, a noroeste de Goiânia, e percorre 150 quilômetros por estradas de terra utilizando um importante e tradicional meio de transporte do sertão brasileiro: o carro de boi.</p>
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo
Título	A festa do Divino Espírito Santo entre os açorianos de São Paulo
Autor/es	Gustavo Adolfo P. Daltro Santos
Resumo	Vindos principalmente da ilha de São Miguel dos Açores, a

partir da década de 50, para trabalharem como empregados em uma tecelagem desse bairro paulistano, estes imigrantes desde então diversificaram suas atividades, concentrando-se porém, no setor pecuário, de laticínios e de comércio de carne. Atualmente há açorianos que se sobressaem no setor pecuário como grandes produtores e comerciantes de gado e leite. Além disso, ainda existe uma concentração de açorianos e descendentes expressiva no bairro de Vila Carrão e suas adjacências. No entanto, é importante notar que não é possível afirmar que a notada acima seja a única circunstância de chegada de açorianos a São Paulo, e ainda se faz necessário um estudo histórico da chegada desses imigrantes, assim como um levantamento de suas atividades principais. De qualquer forma, nosso interesse, mais do que fornecer um desenho detalhado dessa migração, com dados estatísticos, gráficos e reconstruções históricas, é mostrar como se rearticula no contexto da imigração no Brasil uma forma cultural e religiosa característica do arquipélago dos Açores: a Festa do Divino Espírito Santo. Trata-se de uma festa tradicional, celebrada anualmente nas ilhas açorianas, ao longo das semanas que antecedem e culminam no Pentecostes, festa católica celebrada 50 dias após a Páscoa. Aqui, pretendemos, através da descrição (ou da etnografia) de uma festa por nós observada em abril e maio de 1995, mostrar como a identidade açoriana é (re)construída em São Paulo, a partir desta festa que foi 'transplantada' por esses imigrantes 24 anos depois de sua chegada em São Paulo.

Ano/Edição

Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo

Título

Migração religiosa afro-brasileira: de Porto Alegre para o MERCOSUL

Autor/es
Resumo

Ari Pedro Oro

Muitos anos antes da implementação da política de integração regional entre os países do sul do continente americano e da constituição do Mercosul. uma outra integração envolvendo Brasil, Argentina e Uruguai estava ocorrendo. Com efeito, se os esforços de integração visando a criação do Mercosul remontam ao retorno da democracia nos países mencionados. a partir de 1985, ainda nas décadas de 50 e 60). indivíduos. crenças e valores circulavam entre esses países. configurando uma situação que se acentuou nas décadas posteriores. Foram os pais e mães-de-santo do Rio Grande do Sul que desencadearam o processo de expansão da Umbanda e do

Ano/Edição	<p>Batuque para os países do Prata. Primeiramente aqueles radicados nas cidades fronteiriças com o Uruguai (como Santana do Livramento, nas décadas de 50 e 60) e com a Argentina (como Uruguaiana, nas décadas de 60 e 70) e depois os de Porto Alegre, a partir da década de 70. muito contribuíram para a migração das crenças e dos cultos afro-brasileiros para os países do Prata. a tal ponto que existe hoje cerca de mil terreiros na Argentina (Carozzi & Frigerio, 1997) e em torno de duzentos somente em Montevideú (Lopez, 1995), frequentados. mantidos e dirigidos majoritariamente por cidadãos desses países: Na sequência apresentaremos o perfil. as lembranças, as motivações pessoais e os significados agregados pelos agentes afro-brasileiros gaúchos ao processo de migração religiosa para os países do Prata.</p> <p>Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Quando los Dioses migran: religiones afro-brasileñas y neopentecostalismo en el MERCOSUR</p> <p>Maria Julia Carozzi</p> <p>El intercambio de religiones entre Brasil. Uruguay y Argentina. se ha caracterizado en las últimas décadas por el rol exportador del primer país en relación a los platinos). El Brasil ha exportado a los otros dos. tanto religiones afro-brasileñas - principalmente Umbanda y Batuque. y en menor medida Umbanda Omolokó y Candomblé como representantes de su contrincante, el neopentecostalismo de la guerra espiritual. en forma de filiales de la Iglesia Universal del Reino de Dios y Dios es Amor (Oro. 1998a). La historia del proceso de Unibandización y Batuquización del Plata. tal como lo llamara Oro, señalando con este término la centralidad que el Batuque ocupa entre las religiones afrobrasileñas del área. es como toda historia oralmente transmitida. sin registros escritos y sujeta a las libres interpretaciones y reelaboraciones de los protagonistas. difícil de precisar. Sin embargo. pueden distinguirse dos procesos que hunden sus raíces en las décadas del 50 y el 60. Ninguno de los dos implicó sino en una ínfima medida, la relocalización de padres o madres de santo brasileños. En cambio. abundaron los viajes iniciáticos de los platinos hacia el Brasil y estadias más o menos temporarias de brasileños para abrir ritualmente las casas de sus hijos platinos, trabajar con los clientes e hijos de santo de estos últimos e iniciar nuevos adeptos.</p> <p>Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP</p>

<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Sincretismo ou africanização? Os sentidos da dupla pertença</p> <p>Josildeth Gomes Consorte</p> <p>A adesão dos africanos ao Cristianismo far-se-ia, ao longo dos trezentos anos em que durou o tráfico negreiro, através de muitos caminhos, sem que, no entanto, a mesma implicasse no abandono de suas crenças e práticas de origem. Nina Rodrigues, nos fins do século XIX, referiu-se ao catolicismo dos negros baianos, tão impregnado de marcas africanas como “Ilusões de Catequese.”. A associação entre crenças e práticas de origem africana e crenças e práticas católicas tornar-se-ia uma característica comum aos cultos afro-brasileiros, constituídos pelo Brasil afora, conhecidos como candomblé, macumba, xangô, batuque, casa das minas. Seu corolário, o sincretismo afro-católico, por sua vez se constituiria em objeto privilegiado de estudo dos que passaram a se interessar pela presença africana entre nós. Todavia, este sincretismo que, ao longo de cem anos tem representado um desafio para a academia e uma fonte de grande desconforto para a Igreja, tornou-se, recentemente, objeto de discussão também entre aqueles que sempre o praticaram. Sua recusa, a partir da década de 80, por lideranças religiosas dos mais expressivos candomblés de Salvador, criou um fato novo na história das relações dos cultos afro-brasileiros com a Igreja, com repercussões importantes sobre a busca de caminhos do negro no seu processo de inserção na sociedade brasileira. E deste processo que se ocupa o presente artigo, uma das muitas facetas do legado africano em nosso país.</p> <p>Ano XIII, nº 36, jan-abril/2000. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Os arcturos – vizinhos do “mundo”</p> <p>Camila Camargo Vieira; Alexandre do Nascimento Souza</p> <p>O universo cultural do negro no Brasil vem sendo marcado por tensões e transformações, desde a chegada dos primeiros escravos que vieram aqui expropriados de seu modo de vida livre e carregado de uma cosmologia muito própria. Desde o êxodo forçado dos africanos, a história do afro-brasileiro tem sido um contínuo de trocas, assimilações e reificações de seus modos e costumes, onde o culto ao sagrado tem sido o instrumento através do qual, de alguma forma, a memória da África se fez ouvir. Motivado pela impossibilidade de assumir seu modo de vida e toda ritualização a ele pertinente, e por espaços e brechas que vão sendo criados pelos escravos</p>

Ano/Edição	dentro do sistema escravista na esfera da participação religiosa empreendida pelo catolicismo, o negro vindo da África passa a desenvolver uma nova religiosidade, pois, se de um lado não pode assumir como seu o catolicismo, por outro, é em torno da religião católica o local onde a herança do sagrado africano encontra o espaço de sua manifestação, Esse processo assume ares de salvação, na medida em que os negros escravos puderam se não manter, mas ao menos conviver com parte daquilo que lhes era essencial, parte significativa de sua cultura. Ainda que muitas vezes com outras vestes. Ano XIII, nº 38, set-dez/2000. São Paulo
Título	A marca do Islã na alimentação: ritos comensais durante o Ramadán em Porto Alegre
Autor/es Resumo	Leonora Silveira Pereira Originalmente concebida como uma religião dos povos árabes, o Islamismo atinge hoje ampla diversidade étnica e geográfica. Sua marca está impressa tanto na alimentação desses povos, quanto em outros aspectos da vida. A comida, nesse sentido, é importante porque representa um vínculo com o passado, a celebração das raízes, um símbolo de continuidade. É aquela parte da cultura do imigrante que sobrevive mais tempo, conservada até mesmo quando o vestuário, a música e a observância religiosa já foram abandonados. Embora frágil, por viver da atividade humana, a culinária não é facilmente destruída. A comida e o modo de prepará-la são transmitidos em cada família, tal como os genes. O Corão ⁵ proíbe a carne de porco, por considerá-lo um animal impuro, e o álcool. Fora isso, não há ascetismo de outra espécie. Ao contrário, o Corão diz que “(...)Deus quer nosso bem-estar e não o desconforto (...) (2.ª Surata, versículos 183-185). A grande exceção é o Ramadan, o 9.º mês do calendário lunar. Entre o nascer e o pôr-do-sol desse mês é proibido comer, beber, fumar e manter relações sexuais. À noite, essas proibições são suspensas. As famílias trocam convites e visitas. Assim, em diversos lugares, a vida noturna é animada e há boa comida e bebida enquanto muitos fiéis se reúnem nas mesquitas para passar a noite ouvindo a recitação do Corão. Segundo os muçulmanos, “o jejum simboliza o retiro que cada um deve fazer como fez o profeta Mohamed”. Neste artigo busco mostrar que os elementos simbólicos da alimentação islâmica — entendida como a que tem interditos — têm algo a dizer e a comunicar e que,

Ano/Edição	portanto, podem se constituir em veículos de conhecimento sobre o próprio Islamismo. Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo
Título	Sagrado: perene e atual
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo
Título	A viagem da mata: espaço e tempo sagrados – movimentos socioreligiosos na Amazônia
Autor/es	Maria Antonieta da Costa Vieira
Resumo	Na religiosidade popular o sagrado muitas vezes imprime-se no espaço. É o caso das devoções populares que fazem das capelas, cruzeiros no caminho, acidentes geográficos lugares do sagrado, que rememoram acontecimentos, milagres, pessoas. São sacralizados também percursos, como é o caso das romarias e peregrinações que oferecem aos devotos a possibilidade de percorrer um caminho espiritual por meio do deslocamento espacial. Na situação que será analisada as peregrinações se tornam paradigmas para a construção de movimentos socioreligiosos. Trata-se de duas comunidades camponesas que se constituíram na década de 60, em Tocantins e no Sul do Pará, autodenominadas Missão de Maria da Praia e Romaria do Padre Cícero ¹ e que empreenderam uma viagem em direção ao centro do Pará à procura das Bandeiras Verdes ² por mais de 20 anos. Na exposição que segue procuro mostrar de que maneira a partir das noções de Romaria e Missão os grupos tornam sagrado o espaço percorrido, que vai se constituir em um eixo em torno do qual se articulam os movimentos. Neste contexto a andança camponesa, característica do campesinato de fronteira, é ressignificada ganhando o sentido de projeto religioso.
Ano/Edição	Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo
Título	Vivências e religiosidade no seringal: representações do sagrado desenvolvidas pelos nordestinos nos seringais amazônicos (1940-1945)
Autor/es	Maria Liège Freitas Ferreira
Resumo	No período compreendido entre 1940/45 o governo de Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, empreendeu uma política de arregimentação e recrutamento de trabalhadores

nordestinos (especialmente) para os seringais da Amazônia. Essa política foi denominada pelo governo de Batalha da Borracha; e tinha como estratégia, além de formar mão-de-obra disponível para as empresas seringalistas da Amazônia, a ocupação permanente do Oeste brasileiro; isto é, povoar a Amazônia dentro dos objetivos do Estado Novo, que era o de uma nação unificada em que toda região, ou espaço brasileiro deveria ser congregado ao projeto de brasilidade ou “Brasil Novo” elaborado pelos seus gestores. Para isso são elaboradas e implantadas políticas de atração de mão-de-obra para essa população prometendo a descoberta de um eldorado capaz de solucionar todos os problemas de sobrevivência dessa população. Assim, centenas de famílias nordestinas lotam os seringais amazônicos atraídas por uma propaganda de Estado e por empresários que apresentavam a Amazônia como a terra da fartura e da riqueza. Porém, as vivências impostas pela produção da borracha, aliadas ao sofrimento pela saudade dos familiares, das festas de vaquejadas e de padroeiros que deixou no Nordeste, remodelam as relações sociais desses nordestinos ao nível da afetividade, da constituição das famílias e da religiosidade. Portanto, este artigo busca apresentar os mecanismos de sobrevivência que esses migrantes tiveram que criar para sobreviver nos seringais amazônicos, tendo como eixo norteador as formas de representações do sagrado desenvolvidas por eles próprios diante da inexistência de um aparato clerical oficial (padres e igrejas) nos seringais que trabalhavam e moravam.

Ano/Edição

Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo

Título

Christ Church: a primeira igreja étnica do Brasil

Autor/es

Thaddeus Blanchette

Resumo

No Rio de Janeiro, a presença inglesa tinha sido crescente desde os meados do século XVII quando os ingleses ganharam o direito de comerciar livremente com o Brasil. Com a abertura dos portos brasileiros, uma presença significativa de comerciantes britânicos e suas famílias foi estabelecida em ambos os lados da Baía de Guanabara. Em muitos sentidos, essa aglomeração pode ser considerada como uma das primeiras colônias étnicas de procedência europeia no Brasil. Embora não entendidos – e não se entendendo – como imigrantes, os membros da colônia britânica a carioca construíram uma rica vida comunitária na língua inglesa que abrangeu todos os aspectos de existência em terras *brasilis*, desde o batismo de

seus filhos em cerimônias feitas na língua materna, até o enterro dos mortos em seu cemitério em Gamboa. Por dois séculos, essa presença britânica marcou o cotidiano e os costumes do Brasil, fato notado por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Uma das instituições centrais dessa colônia foi a Igreja Anglicana de *Christ Church*, atualmente localizada na Rua Real Grandeza, 99, no bairro de Botafogo. A história da *Christ Church* acompanha a expansão e a decadência da colônia britânica em torno da Baía de Guanabara. Sua existência continuou após a diminuição da colônia nos anos pós-Segunda Guerra, pois a igreja se situou como a pedra-chave da rede de instituições britânicas restantes centradas no Rio de Janeiro e fortaleceu suas ligações com a comunidade étnica de britânico descendentes ao seu redor. Nesse sentido, a *Christ Church* é algo muito além de uma simples casa de Deus: ela é a peça unificadora que articula, de forma sincrônica e diacrônica, os diversos ramos de uma presença britânica na cidade e em seus arredores.

Ano/Edição

Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo

Título

Tradições religiosas e cultura no Brasil

Autor/es

Sidney Antonio da Silva

Resumo

Conhecido como um país onde a maioria de sua população declara ser católica, ou pelo menos afirma ter advindo de uma família onde se professa essa fé, o Brasil apresenta, no entanto, uma variedade de tradições religiosas herdadas dos povos ameríndios e africanos, as quais continuam vivas e dinamizando as expressões religiosas do povo brasileiro. Nesse sentido é comum encontrar pessoas que se declaram católicas e ao mesmo tempo transitam por outras tradições religiosas sem que isto constitua um problema para elas. Este texto tem como objetivo propor algumas questões sobre a dinâmica cultural presente na formação das tradições culturais e religiosas no Brasil, procurando mostrar as mútuas influências que umas exerceram sobre as outras no seu processo de configuração. Neste sentido, será preciso definir, em primeiro lugar, o que se entende por cultura e religião numa perspectiva antropológica, para depois tecermos algumas considerações sobre mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro e, finalmente, através de um exemplo de uma prática pastoral realizada entre os bolivianos em São Paulo, fazermos algumas considerações sobre as implicações da ação da igreja junto ao

Ano/Edição	processo de reprodução cultural destes imigrantes. Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo
Título	O culto aos baianos da umbanda
Autor/es	André Ricardo de Souza
Resumo	A umbanda tem realmente uma considerável capacidade de absorção e redefinição de traços religiosos diversos. Neste trabalho analiso o modo como ela utiliza esse recurso para ajustar-se eficientemente a diferentes contextos sociais. Nessa empreitada de adaptação, um guia chama a atenção: o baiano. Essa entidade, historicamente nova, cujo culto vem se destacando nos últimos 30 anos, assume características diferentes, de acordo com o estilo de vida do público participante nas giras. Busco compreender a emergência dessa entidade, sua crescente afirmação e popularização em dois contextos sociais distintos. A ideia da eficaz prestação de serviços parece ter grande importância no contexto social marcado pelo pluralismo e pela competição religiosa (Prandi, 1996-b). Foi meu objetivo, portanto, apreender como o universo umbandista de elementos simbólicos, sobretudo no que se refere a essa entidade espiritual, é modificado em função do serviço religioso prestado, que é moldado pelos padrões culturais e socioeconômicos locais. Para tanto estudei o jeito de ser e o significado de baianos de duas unidades de culto inseridas em áreas distintas: um terreiro de um bairro de classe média e outro da periferia paulistana. A pesquisa mostrou que essa entidade constitui um trunfo da umbanda para ser versátil e atraente, dentre as diversas opções religiosas da atualidade. A conversão a essa religião se dá, em grande parte, pela atribuição ao guia espiritual da solução de aflições cotidianas. Há um pano de fundo de aspectos culturais que propicia considerável identificação com os baianos.
Ano/Edição	Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo
Título	Entre as demandas de Deus e as da sobrevivência: os brasileiros adventistas de Chino
Autor/es	Bernadete Beserra
Resumo	Em 26 de novembro de 2005, visitei a Igreja Adventista de Fala Portuguesa de Chino, grande Los Angeles, onde havia realizado pesquisa entre 1997 e 2000. Não vi o pastor David Bravo entre os que dirigiam o culto, mas soube, depois, que ele estava no Brasil, de férias. Reconheci alguns amigos e conhecidos do tempo da pesquisa, mas pelo menos metade,

Ano/Edição	<p>das cerca de 70 pessoas que assistiam ao culto naquele sábado, eram desconhecidas. Fiquei para o almoço e pude conversar demoradamente com Isac, Jaidete e Ester. O aconchego deles e o sabor da comida eram os mesmos de quando os visitei pela última vez antes de voltar ao Brasil, em junho de 2000. Tudo o mais parecia ter mudado. Numa área antes usada como estacionamento, construía-se um novo prédio, pelo menos três vezes maior do que aquele onde ainda se celebrava o culto sabatino. Isac e Jaidete responderam pacientemente às minhas indagações sobre as várias pessoas sobre quem perguntei. Alguns haviam voltado para o Brasil. Outros haviam se mudado para outros estados ou cidades. Mas novos membros haviam sido incorporados e, ao contrário do que imaginei a princípio pela quantidade de pessoas no culto, a igreja havia crescido e prosperado nos últimos 5 anos. Lembrei-me do Pastor Claudiner Mockiuti explicando-me sobre o desafio da manutenção de igrejas étnicas entre populações imigrantes (Beserra 2005c, pp. 110-112). Se o fluxo migratório diminui ou se interrompe, as chances de sobrevivência da igreja são bastante reduzidas. Os filhos dos imigrantes se aculturam e se filiam a igrejas de grupos dominantes. No caso dos Estados Unidos, os brasileiros adventistas da segunda geração se juntam a igrejas adventistas brancas, negras ou latinas, conforme a sua aparência e condições socioeconômicas os aproximem mais de cada um desses grupos ou conforme o pertencimento étnico-racial dos seus cônjuges ou amigos.</p> <p>Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP</p>
Título	Entre a Igreja do Brasil e da França: uma experiência com os portugueses em Paris
Autor/es Resumo	<p>Sidnei Marco Dornelas</p> <p>Neste texto, o autor faz uma releitura de sua experiência na França, como padre e pesquisador, em que ao mesmo tempo trabalhava pastoralmente junto a comunidades católicas de imigrantes portugueses, e realizava uma pesquisa sobre a atuação desses leigos portugueses no interior da Igreja francesa. A análise de vários depoimentos é feita no sentido de se compreender como se dá, atualmente, a inserção dos imigrantes no interior da Igreja Católica, cada vez mais caracterizada pela interculturalidade e pelo pluralismo de várias maneiras de vivenciar a fé.</p>
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo

Título	A imigração armênia no Brasil e as comunidades em São Paulo
Autor/es Resumo	Sonia Maira de Freitas Este estudo tem por objetivo buscar o contexto histórico que determinou a vinda de armênios para o Brasil, sobretudo para o estado de São Paulo, bem como apresentar a história dessa imigração e a conseqüente constituição deste grupo étnico, tendo como base as narrativas e relatos dos próprios imigrantes e descendentes. Partindo do registro de suas memórias, na perspectiva de reconstruir parte da história social do processo imigratório para São Paulo, este artigo procura evidenciar a história dos armênios, particularmente os traços culturais e de que maneira este grupo étnico (re) construiu e vivenciou a sua identidade no país adotivo.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo-SP
Título	Homens judeus e relações de gênero na cidade de São Paulo
Autor/es Resumo	Ethel V. Kosminsky Neste trabalho, pretendemos discutir as relações de gênero, mostrando o lado daquele que é visto como “dominante”, isto é, o ponto de vista masculino. Pretendemos mostrar que o masculino não é único. Os homens e o masculino não constituem um grupo homogêneo, como se depreende das relações dos homens entre si, e das relações entre os homens e as mulheres. O nosso objetivo é, dentro dessa perspectiva, discutir as relações de gênero de entrevistados judeus, imigrantes e seus descendentes, residentes na cidade de São Paulo. Com essa finalidade, utilizando a técnica da “bola de neve”, coletamos entrevistas em profundidade com homens judeus de três faixas etárias, ocupando diferentes posições sociais e também de origens diversas no ano de 2004. A análise das entrevistas com mulheres judias será relacionada com as dos homens, buscando estabelecer comparações, diferenças e semelhanças. Muito embora esta seja uma pesquisa qualitativa, os seus resultados serão comparados com os resultados da análise demográfica referente a determinados padrões de comportamento encontrados no país.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo-SP

Título	Culto aos antepassados okinawanos: dicotomias na construção da identidade okinawano-japonesa no Brasil
Autor/es Resumo	Samara Konno Os okinawanos são um grupo de nacionalidade japonesa, mas com particularidades históricas e culturais, que se expressam, também, nas práticas do culto aos antepassados, chamado Sosen Suuhai. Assim, esse artigo tem por objetivo expor algumas das relações entre este culto e aspectos como família, comunidade, identidade e memória dos okinawanos no Brasil, a partir de entrevistas de história oral temática com praticantes do culto e de observação participante na comunidade okinawana da cidade de São Paulo, entre os anos de 2013 e 2014. Primeiramente, as relações históricas entre okinawanos e japoneses são apresentadas como pano de fundo da articulação entre culto, memória e identidade. Em um segundo momento são apresentadas associações do culto okinawano com características relativas à alegria e expansão, em oposição à sobriedade e hierarquia do culto japonês. Tal dicotomização dos significados do Sosen Suuhai se mostrou estratégica, tanto para a demarcação étnica, quanto para ressignificação da identidade okinawana no Brasil.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo-SP
Título	Daoismo e migração: imigração taiwanesa como início do daoismo no Brasil
Autor/es Resumo	Matheus Oliva da Costa Existe uma relação entre Daoismo e Brasil desde o período colonial, mas que se limitava a interações indiretas via textos e artes. É somente com a chegada de imigrantes chineses vindos de Taiwan que podemos dizer que o Daoismo chega ao Brasil enquanto uma tradição viva. O tipo de imigrante vindo de Taiwan se caracterizava por já ter conhecimentos profissionais, entre eles, práticas e conhecimentos tradicionais chineses. Neste estudo vamos mostrar como e quais manifestações daoistas tradicionais chegaram ao Brasil, mais especificamente, em São Paulo e no Rio de Janeiro. O objetivo é contextualizar histórica e sociologicamente a presença daoista que aqui chegou através de imigrantes taiwaneses.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo